

# A DES-SUBJETIVIZAÇÃO DA LINGUAGEM, DO PENSAMENTO E DA COMPREENSÃO EM HANS-GEORG GADAMER

CLÍSTENES CHAVES DE FRANÇA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva apresentar as críticas gadamerianas às concepções subjetivistas presentes na ciência e na filosofia modernas. Para tanto, ofereço na primeira parte do texto a crítica de Gadamer à concepção metódica de compreensão forjada na ciência moderna que compreendia esta como uma atividade do sujeito desprovida de preconceitos. Na segunda parte, a centralidade da linguagem é demonstrada e se recusa sua redução a toda e qualquer perspectiva subjetivista, por fim, a partir do exposto nas duas seções anteriores fica patente como Gadamer reabilita a concepção clássica de correspondência entre ser e linguagem eliminando com isso o subjetivismo na esfera do pensamento.

## A ESTRUTURA PRE(CONCEITUAL) DA COMPREENSÃO<sup>2</sup>

Segundo Gadamer, somente se já tivermos prenoções acerca de um texto é que podemos compreendê-lo verdadeiramente. A antecipação de sentido (*Sinnerwartung*) com a qual nós o lemos é uma pressuposição insuperável para a sua compreensão. Para entendermos um texto, portanto, pressupomos uma totalidade de sentido. Esta totalidade de sentido que é determinada por essa antecipação consiste nos pre(conceitos) que já temos sobre o sentido do texto. A pressuposição de uma estrutura significativa subjacente ao texto é aquilo que torna possível que nós o compreendamos. É evidente que essa antecipação (*Entwurf*) de sentido precisa ainda ser confirmada por meio da leitura do texto. A adequação das prenoções ao texto é que torna os preconceitos válidos. Contudo, e isto é fundamental, nós só podemos identificar preconceitos inválidos porque previamente nossa interpretação do texto foi por eles

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela UFC e pela *Ruhr Universität Bochum* (Alemanha). Professor dos Cursos de Direito e Administração da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: [clisteneschaves@hotmail.com](mailto:clisteneschaves@hotmail.com)

<sup>2</sup> Embora aqui consideremos a compreensão de um ponto de vista teórico, é evidente que ela é uma capacidade natural da humanidade. “não é a arte da compreensão (...) evidentemente, diretamente dependente da consciência da qual ela segue as regras. Aqui (...) uma capacidade natural que todos possuem converte-se em um poder que supera todos os outros e que a teoria pode, no melhor dos casos, dizer apenas o porquê.” (GADAMER, 1993, p. 234) “Convencer e esclarecer sem ser capaz de apresentar uma prova é evidentemente muito mais a meta e padrão da compreensão e da interpretação assim como do discurso – e da persuasão – e todo este extenso reino do convencimento esclarecedor e da opinião geral dominante não é limitado gradativamente pelo desenvolvimento da ciência, não importando quão grande ele seja, mas sim estende-se antes a todos os novos conhecimentos científicos, para a ele recorrer e se adaptar.” (GADAMER, 1993, p. 236-237)

guiada. “Compreender um texto” não é em nenhuma hipótese um procedimento livre de prenoções. Ao contrário, a compreensão é sempre um acontecimento circular<sup>3</sup>.

Aquele que quer compreender realiza sempre um projeto. Ele prefigura (vorauswerfen) um sentido para o todo do texto, tão logo apresente-se um sentido inicial. Este surge, por sua vez, apenas porque primeiramente o texto havia sido lido com uma determinada esperança (Erwartungen) de sentido. No constante trabalho deste préprojeto de sentido, que está sujeito a uma incessante revisão à luz da atividade interpretativa, acontece a compreensão daquilo que lá se encontra. (GADAMER, 1990, p. 271)

Os preconceitos que guiam a nossa compreensão do texto precisam ser adequados à própria coisa. Isto significa que os preconceitos não são arbitrários na medida em que possibilitem a apresentação de uma totalidade de sentido a partir do próprio texto<sup>4</sup>.

O que tal descrição do processo circular da compreensão revela contra a perspectiva da objetividade do conhecimento defendida pelas ciências naturais é evidente: a objetividade da compreensão (portanto, das ciências humanas como um todo) não pode ser o resultado (Erfolg) da dissolução dos preconceitos. Estes são condições indissolúveis da própria compreensão<sup>5</sup>. A ideia de uma razão livre de pre(conceito)s é um mal-preconceito do iluminismo, que considerou-se capaz de erigir um conhecimento incondicionado. Contudo, a essência mais fundamental da razão humana é sua finitude. Nenhuma razão absoluta constrói o conhecimento humano. É a nossa situacionalidade, nossa situação hermeneutica, que nos torna capazes de compreender algo. “A razão é para nós apenas como efetivamente histórica,

---

<sup>3</sup> Foi Heidegger, como o próprio Gadamer reconhece em *Verdade e Método*, quem primeiramente apresentou a positividade e a estrutura ontológica do círculo da compreensão, concebendo a hermenêutica de maneira abrangente: “Com Heidegger atingiu-se, de fato, o ponto em que a hermenêutica torna-se um método abrangente do *saber-se* e do saber do mundo humanos. Assim, a hermenêutica não é apenas um método científico, não é apenas uma forma de conhecimento e investigação científicos, mas sim a maneira e o modo como o ser humano compreende em geral a si mesmo e ao mundo. Dessa forma, a hermenêutica converte-se em ciência fundamental, que traz todas as outras ciências (do espírito e da natureza) para diante do tribunal da crítica da ciência.” (GRÄTZEL, 2005, p. 79-80)

<sup>4</sup> Gadamer afirma: “A elaboração dos projetos corretos, adequados à coisa mesma, que, na medida em que são projetos, são antecipações e devem primeiramente se confirmar nas próprias coisas, é a tarefa constante da compreensão. Aqui não existe nenhuma outra ‘objetividade’ do que a comprovação (Bewährung) encontrada por uma concepção através de sua elaboração.” (GADAMER, 1990, p. 272) É evidente que está em jogo, neste caso, uma outra ideia de ‘objetividade’. Uma ‘objetividade’ que está fortemente ligada a preconceitos.

<sup>5</sup> Esta reabilitação do preconceito é uma das principais contribuições do pensamento gadameriano. Para Gadamer, foi a tradição filosófica do iluminismo que o desautorizou. “Existe com certeza também um preconceito do iluminismo que constitui e determina sua essência: este preconceito fundamental do iluminismo é o preconceito contra os preconceitos em geral e, com isso, o enfraquecimento da tradição.” (GADAMER, 1990, p. 275). Gadamer critica ainda o historicismo na medida em que este defendeu como adequada para as ciências humanas (Geisteswissenschaften) a luta iluminista contra os preconceitos. “Foi uma ilusão do historicismo, segundo Gadamer, querer eliminar os nossos preconceitos por meio de métodos seguros, afim de tornar possível a objetividade nas ciências humanas. Esta luta do historicismo, que remonta suas origens ao iluminismo, era ela mesma um preconceito metodológico do séc. XIX, que só considerava possível atingir a objetividade através da eliminação (Außerkräftsetzung) da subjetividade compreensiva situada historicamente.” (GRODIN, 1991, p. 144)

ou seja: ela não é senhora de si mesma, antes permanece sempre atada às situações concretas nas quais se realiza.” (GADAMER, 1990, p. 280-281)

A ideia iluminista segundo a qual os preconceitos são obstáculos para o verdadeiro conhecimento, leva também ao descrédito da autoridade como fonte possível de reais conhecimentos. A autoridade é vista, desde então, como essencialmente errônea. Razão e autoridade foram totalmente separadas pelo Iluminismo. A verdade nunca poderia originar-se da autoridade. Segundo Gadamer, esta linha de raciocínio é completamente falsa. Uma adequada concepção de autoridade deveria considerá-la uma fonte efetiva da verdade. Encontrar um conceito mais adequado de autoridade é um dos principais objetivos de “Verdade e Método”. Para conseguir isto, Gadamer procura conceber a autoridade não como resultado da *submissão* da própria razão à razão de um outro, mas sim como *reconhecimento* da superioridade do conhecimento de um outro. *Autoridade é aquilo que conhece melhor.*

De fato, primeiramente autoridade não diz respeito a obediência, mas sim a *conhecimento*. Certamente pertence à autoridade o poder de ordenar e encontrar obediência. Mas isto resulta apenas da autoridade que alguém tem. A anônima e impessoal autoridade de um chefe, que deriva de uma ordem hierárquica, não surge primeiramente dessa ordem mesma, antes é ela que a torna possível. Seu verdadeiro fundamento é aqui também um ato da liberdade e da razão, que atribuem ao chefe, na medida em que este vê mais longe ou está melhor informado, autoridade, posto que conhece melhor. (GADAMER, 1990, p.284)

Aqui podemos perceber o passo mais ousado de Gadamer, que o leva à reabilitação da autoridade: é a ligação entre autoridade e razão. A autoridade origina-se de um ato livre de reconhecimento da própria razão. “Dessa forma, o reconhecimento da autoridade está sempre ligado ao pensamento de que aquilo que a autoridade diz não é um arbítrio irracional, mas sim que, em princípio, pode ser compreendido.” (GADAMER, 1990, p. 285) Naturalmente na medida em que nós reconhecemos a superioridade do conhecimento da autoridade não utilizamos nossa própria razão para fundamentar aquele conhecimento. Mas isto não significa que o reconhecimento não seja correto e que a autoridade não possa transmitir verdade<sup>6</sup>.

Gadamer opõe-se à perspectiva metodológica das ciências humanas que consideram como padrão de método o procedimento das ciências naturais. Segundo ele, a compreensão, que constitui a base das ciências humanas, não é um procedimento metódico do sujeito do conhecimento. A compreensão é antes um acontecimento, isto é, um acontecimento histórico. “Nós não devemos pensar a compreensão como uma ação propriamente da subjetividade, mas

<sup>6</sup> “A oposição pressuposta pelo iluminismo entre a crença na autoridade e o uso da própria razão é em si correta. Posto que a validade da autoridade advém da substituição do uso do próprio juízo é ela, de fato, fonte de preconceitos. Mas não se exclui aqui que ela possa ser também fonte de verdade, e sobre isto se enganou o iluminismo na medida em que simplesmente difamou toda e qualquer autoridade.” (GADAMER, 1990, p. 283)

sim como um mergulho (Einrücken) num acontecimento da tradição, no qual passado e presente comunicam-se contantemente.” (GADAMER, 1990, p. 295).

Com o objetivo de esclarecer sua ideia de compreensão Gadamer contesta a concepção do processo compreensivo defendido por Schleiermacher que desenvolveu um forte significado subjetivo para mesma. Segundo Schleiermacher, a compreensão é uma relação espiritual entre o autor original e o intérprete. Para compreender um texto, o intérprete deveria se colocar na constituição espiritual do autor original. Gadamer diz, entretanto, que tal ideia é extremamente questionável. De fato, compreendemos um texto quando apreendemos o *dito*. O texto é uma totalidade de sentido que nos diz algo. É sobre aquilo que é concretamente comum, o dito, que o intérprete e o autor devem construir um entendimento. “O objetivo de todo entendimento e toda compreensão é um acordo sobre a coisa.” (GADAMER, 1990, p. 297)

Entretanto, o processo de compreensão, segundo Gadamer, não é um processo metodológico, porque aqui antes dá-se um acontecimento da tradição, na medida em que a toda compreensão corresponde o círculo da compreensão. Este não é um movimento compreensível da subjetividade, mas sim expressão de uma precompreensão sobre a coisa que a tradição nos oferece<sup>7</sup>. Evidentemente é sempre possível que a compreensão não chegue a se efetivar, ou seja, que o texto não apresente uma totalidade de sentido reconhecível. Quando isso ocorre, devemos tentar compreender o texto como expressão de algo subjetivo: neste caso, o texto não expressa apenas algo dito, mas também a idiosincrasia do autor e o texto torna-se compreensível apenas se pudermos compreender ambos. (GADAMER, 1990, p. 299)

A compreensão hermeneutica situa-se entre a confiança na tradição, que nos oferece a precompreensão da coisa, isto é, do texto significativo e o estranhamento em relação ao sentido do texto que deve ser superado através da compreensão<sup>8</sup>. A tarefa da hermeneutica, segundo Gadamer, não é a de formular um método do processo compreensivo, mas sim o de apresentar as condições de possibilidade da própria compreensão. (GADAMER, 1990, p. 300-301)

<sup>7</sup> “O círculo da compreensão não é de forma alguma um círculo ‘metodológico’, mas sim descreve um momento ontológico estrutural da compreensão.” (GADAMER, 1990, p. 298-299)

<sup>8</sup> “Graças à precompreensão o passado nos é, por um lado, já desde sempre conhecido; por outro lado, ele nos é relativamente desconhecido, posto que o sentido histórico apreensível do passado forma um outro horizonte temporal que precisa ainda passar pela correção do saber crítico. Esta relatividade do passado refere-se ‘desde sempre’ à nossa situacionalidade fática, o passado é sempre novamente integrado na realização atual da compreensão. O conhecimento histórico é possível exatamente pelo fato de a compreensão se apresentar nessa situação fundamental. Ela se encontra entre o relativo estranhamento para com o passado e sua relativa familiaridade (Vertrautheit) com ele.” (UMLAUF, 2007, p. 93-94)

O último e mais importante ataque de Gadamer contra a perspectiva objetivista da compreensão é sua afirmação de que ela não é uma mera reprodução de um objeto passado (previamente dado), antes resulta sempre em algo novo: “É suficiente dizer que toda vez que se chega a compreender alguma coisa compreende-se diferentemente.” (GADAMER, 1990, p. 300).

A perspectiva das ciências naturais sobre o conhecimento objetivo pressupõe a exterioridade do objeto conhecido em relação ao sujeito do conhecimento. O conhecimento que advém dessa relação externa não exprime qualquer comunicação entre sujeito e objeto. O sujeito cognoscente produz conhecimento objetivo na medida em que esta distância é mantida. Isto, contudo, não pode ocorrer nas ciências humanas compreensivas. O objeto das ciências humanas é um objeto dotado de significação. A compreensão do sentido só pode ser realizada através de uma comunicação entre passado e presente possibilitada pela tradição. O presente é moldado pela precompreensão determinada pelos preconceitos oriundos da tradição. Isto significa que a situacionalidade do intérprete – sua situação histórica – estabelece a compreensão da coisa – o sentido. Entretanto, a situacionalidade caracteriza-se por sua constante mobilidade: todo intérprete encontra-se imerso numa situação histórica que encerra as condições de possibilidade da compreensão. A constante alteração da situação hermenêutica significa uma constante *nova* compreensão do objeto – do sentido do texto. É a distância temporal que revela a diferença entre falsos preconceitos, que impedem a compreensão do objeto, e preconceitos verdadeiros, que a possibilitam.

A distância temporal ocasiona outro fenômeno além da destruição dos interesses pessoais em relação ao objeto de estudo. Ele permite que o sentido verdadeiro contido em algo emerge totalmente. O esgotamento (*Ausschöpfung*), contudo, do sentido verdadeiro que ocorre num texto ou numa criação artística, nunca chega a um fim, ele é antes, em verdade, um processo infinito. Não apenas novas fontes de erros são eliminadas, de forma que o sentido verdadeiro seja filtrado de todo e qualquer empecilho [à compreensão], mas surgem também constantemente novas fontes de interpretação que manifestam relações de sentido inesperadas. A distância temporal que realiza esta filtragem não possui uma dimensão acabada, antes é concebida em constante movimento e expansão. Juntamente com o lado negativo da filtragem realizada pela distância temporal é oferecido o seu lado positivo no que diz respeito à compreensão. Ela torna possível não apenas que os preconceitos de natureza particularista feneçam, mas também que aqueles que guiam a compreensão verdadeira emergam. (GADAMER, 1990, p. 303-304).

Esta citação não deve ser mal-interpretada. Aqui é sempre o mesmo objeto *i* – o sentido – que é interpretado de forma diferente. Na medida em que mudam as condições de possibilidade da interpretação de um objeto dotado de sentido muda também a apropriação do objeto que a comunicação entre passado e presente através da tradição possibilita.

Compreender é sempre compreensão historicamente situada de um objeto e a compreensão conquistada é uma possibilidade interpretativa contida no próprio objeto.

## A VONTADE DE COMPREENSÃO

Gadamer defende a tese de que toda compreensão, seja esta direcionada a um objeto linguístico – a compreensão que se estabelece entre seres humanos – ou não linguístico – a “supresa muda” ou a “admiração silenciosa” – é um acontecimento linguístico. Toda compreensão pressupõe uma experiência de mundo linguística. Isto significa que todo fenômeno hermenêutico é um fenômeno universal. A universalidade daquele advém da capacidade da linguagem de “para *tudo* procurar uma expressão”. (GADAMER, 1993, p. 185) Se estivermos diante de um acontecimento para o qual não podemos encontrar uma expressão, isto não significa, para Gadamer, que nos defrontamos com um fenômeno que está além de toda possibilidade linguística, mas sim que gostaríamos de dizer muita coisa sobre ele e que não estamos certos por onde deveríamos começar. Tudo aquilo que acontece pode ser linguisticamente expresso.

O lugar central que a tradução de textos da tradição adquire em “*Verdade e Método*” deve ser bem compreendido. Para Gadamer, a tradução é apenas um caso particular de um evento universal. O estranhamento inicial que se segue ao primeiro contato com um texto legado pela tradição aponta para um fenômeno universal da experiência de mundo humana. Ele ocorre sempre que nossos conhecimentos prévios sobre o mundo não são satisfeitos, o que significa que estamos diante de algo des(conhecido), que precisa, contudo, ser esclarecido, posto que apenas a superação do desconhecido através do conhecimento possibilita a reconstrução da harmonia perdida entre nossos conhecimentos prévios e nossa experiência de mundo. Esta experiência de destruição<sup>9</sup> e reconstrução de nossa experiência de mundo é a mesma que fundamenta a tradução de um texto. A superação do estanhamento inicial diante de um texto só pode ser conseguida através de conhecimentos cada vez mais profundos do sentido do próprio texto. Na medida em que um texto é compreendido ele perde sua estranheza e se integra numa tradição de sentido mais ampla que liga passado e presente. O fenômeno da tradução aponta para a universalidade do aspecto linguístico (sua

---

<sup>9</sup> Esta destruição nunca é completa. Se isto fosse o caso, não poderia haver a reconstrução da harmonia entre o agir humano e o mundo, posto não existir nenhuma estrutura preconceitual sobre a qual a reconstrução pudesse se apoiar. Aqui apresenta-se mais uma vez o círculo do conhecimento e da experiência humanos.

linguisticidade) da experiência humana. Tudo aquilo que acontece conosco é necessariamente compreendido por meio da linguagem.<sup>10</sup>

Também naquilo que diz respeito à compreensão a linguisticidade humana se apresenta como um elemento sem limites que a tudo envolve, não apenas a cultura legada por uma língua, mas simplesmente tudo, posto que tudo está imiscuido na compreensibilidade com a qual nos relacionamos uns com os outros. (GADAMER, 1993, p. 237)

A vontade de compreensão começa então quando nós nos deparamos com algo que não nos é familiar. Diante do desconhecido nos sentimos perdidos. Nossas expectativas de sentido não são satisfeitas. O acontecer da incompreensão indica que as expectativas de sentido são dependentes do conhecimento que se tem da coisa mesma. Algo que se nos apresenta como estranho supera a extensão de nosso conhecimento sobre o mundo. A limitação de nosso conhecimento sobre algo, que nos é indicado por sua estranheza, exige que tomemos a decisão de alcançar um conhecimento mais amplo sobre ele. A dependência do fenômeno hermenêutico em relação ao conhecimento que temos sobre algo, ou a ausência deste, poderia significar que a incompreensão é a base mais profunda do processo compreensivo. Segundo Gadamer, contudo, esta ideia é errônea. O chão originário sobre o qual se ergue o fenômeno hermenêutico não é o distúrbio na compreensão, mas sim o acordo. “Acordo é pressuposto onde quer que exista distúrbio na compreensão.” (GADAMER, 1993, p.186) Como isso é possível? Aqui, a referência do processo compreensivo ao conhecimento que se tem da coisa mesma adquire sua completa significação. O distúrbio na compreensão depende da precompreensão que temos sobre a própria coisa. A precompreensão, por sua vez, nos é oferecida por nosso conhecimento de mundo. Essa précompreensão exprime exatamente o conhecimento sobre a coisa que se apresenta insuficiente e que é partilhado por nossa comunidade linguística<sup>11</sup>. Até mesmo a incompreensão depende de um acordo originário. Algo só pode ser estranho *para nós* na medida em que mantém uma relação com os limites de nosso conhecimento. Este, por sua vez, estrutura-se linguisticamente.

Para Gadamer, a ciência é apenas um modo de acesso ao mundo que através de experimentação e isolamento de dados constrói uma consciência metódica sobre algo no mundo. Contudo, ela não é a única nem mesmo a melhor forma de acesso ao mundo que se encontra à disposição do ser humano. O acesso científico ao mundo limita-se aos fenômenos que podem ser submetidos àquele procedimento metódico. O sucesso que o modo científico de pensar conquistou elevou-o a modelo de todo e qualquer conhecimento. Ele é a fonte da

<sup>10</sup> Alguma coisa só se torna algo para nós na medida em que é compreendido.

<sup>11</sup> Gadamer não emprega aqui este conceito. Entretanto, considero-o bastante adequado para apresentar o pensamento gadameriano.

tensão que surgiu entre o conhecimento metódico da ciência e todas as outras formas não metódicas de pensamento – como, por exemplo, o conhecimento originado de nossa experiência de vida. Este paradigma também influenciou as ciências humanas na medida em que estas entenderam a compreensão como um processo de depuração de mal-entendidos. A tese de que a estranheza de sentido de um objeto significativo apresenta-se ao intérprete da mesma forma como o objeto externo apresenta-se ao cientista natural e que a compreensão consiste na superação dessa estranheza externa advém do sucesso conquistado pela consciência metódica da ciência moderna. Contudo, a compreensão não será jamais apreendida em toda a sua significação e verdadeira essência se a concebermos apenas como eliminação de mal-entendidos. A estranheza de um objeto significativo surge de sua distância temporal. E é esta que torna ao mesmo tempo possível sua superação. Existe já desde sempre uma ligação entre nós e o estranhamento que provoca nossa vontade de compreensão. Esta ligação é engendrada pela tradição. O estranhamento, a incompreensão, nunca é a fonte originária.

O acordo original, que Gadamer chama de “acordo tácito”, é aquilo que há de comum na experiência de mundo humana. A compreensão, mesmo aquela direcionada a objetos não-linguísticos, é construída pela linguagem na medida em que os seres humanos falam uns com os outros sobre algo no mundo – este podendo ser, evidentemente, tanto natural como significativo. É este diálogo, portanto, que engendra o que há de comum na experiência de mundo que os homens produzem em seus discursos diários uns com os outros. O caráter comum da experiência de mundo não é resultado da mera troca de opiniões individuais, antes é o produto da superação da parcialidade inerente àquelas. Não é a minha ou a tua opinião, mas sim a *nossa*. É algo, portanto, essencialmente coletivo que constitui o acordo. Este acordo coletivamente construído não pode ser reduzido ao desacordo das opiniões individuais, posto ser ele algo completamente novo. O verdadeiro diálogo linguístico não é de forma alguma uma mera troca de opiniões. Aqui não estamos diante do acréscimo de uma opinião a outra.

O que constitui a verdadeira realidade da comunicação humana não é que o diálogo se efetive por meio da contraposição da opinião de um contra a opinião de outro ou que a opinião de um seja acrescentada a opinião de outro como numa adição. O diálogo transforma ambas. (GADAMER, 1993, p. 188)

A compreensão é linguística porque ela é possibilitada pela linguagem. Mas não apenas isso. A compreensão tem a estrutura da linguagem mesma na medida em que ela não é uma realização subjetiva. A compreensão não é jamais produto da subjetividade, mas sim o resultado de uma comunicação humana. Obviamente isto não significa que, para Gadamer, a



compreensão só é alcançável por meio de um diálogo mútuo entre indivíduos. Gadamer quer indicar apenas que na medida em que uma compreensão é possível ela terá a estrutura do diálogo humano.

Quando Gadamer emprega o conceito “palavra”, por exemplo, ele não quer com isso indicar nem as palavras que se encontram nos dicionários nem as palavras que formam o contexto de uma sentença. Para ele, “palavra é aquilo que ocorre em um determinado e inequívoco contexto de vida e recebe sua unidade daquilo que há de comum (*Gemeinsamkeit*) no contexto de vida.” (GADAMER, 1993, p.192) Gadamer introduz o conceito “palavra” para acentuar a diferença desta em relação à “sentença declarativa” (*Aussage*). A essência da sentença declarativa está no seu *ser dito* (*Gesagtsein*). Apenas em relação àquilo que ela efetivamente expressa é que devemos considerar a sentença declarativa. Ela nos apresenta aquilo que lhe é essencial: seu conteúdo. O problemático nessa doutrina da sentença declarativa é a suposição de que poderia haver “sentenças declarativas puras”, isto é, que não seriam respostas motivadas por perguntas prévias. Esta especificidade da sentença declarativa (ocultar seu pano de fundo motivacional) oferece à ciência, que apresenta seu conhecimento em sentenças declarativas, a aparência de ser um conhecimento do mundo desinteressado. A rejeição, contudo, à ideia da existência de sentenças declarativas desinteressadas não significa de forma alguma a rejeição à possibilidade de se isolar o conteúdo de sentenças declarativas e de, então, considerá-lo em seu isolamento abstrato. Entretanto, mesmo o caráter interessado da sentença declarativa isolada aponta para a incompletude desse isolamento<sup>12</sup>.

Nós devemos excluir, portanto, do conceito “palavra” todo traço subjetivo. O emprego de uma palavra não depende do indivíduo que enuncia asserções. Não são os indivíduos que introduzem a palavra, posto que a palavra é algo linguístico. É a própria linguagem que introduz a palavra em um contexto de vida quando ela determina aquilo que terá significado. A significatividade de uma palavra é estabelecida pela linguagem. É ela que pode encontrar

---

<sup>12</sup> “Encontra-se entretanto na base da abstração e da ênfase sobre o poder fazer (*Machenkönnen*), que levou no séc. XVII finalmente a este grande pensamento metódico da ciência moderna, uma separação em relação à perspectiva religiosa do mundo da Idade Média e uma decisão em favor da restrição e do esforço pessoal [intelectual]. Esta é a motivação fundamental de um querer saber que ao mesmo tempo é um poder fazer e que por isso recusa toda limitação e direcionamento.” (GADAMER, 1993, p. 194) “Em todo caso parece-me que o exemplo extremo da cultura moderna científica e técnica mostra que o isolamento da sentença, seu descolamento (*Ablösung*) de todo contexto motivacional, apresenta sua dificuldade (*Fragwürdigkeit*), a partir do momento em que se observa o todo da ciência. Assim permanece correto afirmar que aquilo que entendemos por sentença é uma sentença motivada.” (GADAMER, 1993, p. 195)

expressão para todos os fenômenos. Nossas opiniões circunscrevem-se no interior das fronteiras que a linguagem nos preceve<sup>13</sup>.

É a linguagem mesma que determina o que é uso linguístico. Isto não significa nenhuma forma de mitologização da linguagem, mas sim a recusa em aceitar qualquer pretensão de redução da linguagem às opiniões individuais. Que sejamos nós que falamos na linguagem, nenhum de nós em particular e, contudo, todos nós juntos, é o modo de ser mesmo da “linguagem”. (GADAMER, 1993, p. 196)

O significado que uma palavra adquire não é de forma alguma já desde sempre univocamente determinado. O significado de uma palavra é resultado do discurso conjunto e é construído apenas neste processo. O significado não se situa externamente à atualidade do discurso. A palavra não possui qualquer conteúdo significativo estabelecido. A linguagem atribui à palavra uma possibilidade de sentido ampla e indefinida que é realizada durante o diálogo. A palavra não possui nenhuma unicidade de sentido. Mesmo a fixação temporária do significado de uma palavra que o discurso possibilita não exclui a coparticipação de sentidos não explícitos na significação que foi fixada. A riqueza da linguagem consiste nessa infinitude de sentido a ser atualizado da palavra.

## A REABILITAÇÃO LINGUÍSTICA DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE PENSAMENTO E SER DA METAFÍSICA CLÁSSICA

Gadamer posiciona-se contra o subjetivismo que marcou o pensamento filosófico desde o advento da filosofia da subjetividade transcendental kantiana. Ele rejeita também as perspectivas filosóficas que parecem se opor à filosofia da subjetividade – na medida em que procuram honrar o em si do objeto – e, contudo, revelam apenas o outro lado do subjetivismo sem o superar, – posto compreenderem a subjetividade como vontade ou intenção. (GADAMER, 1993, p.70) Segundo Gadamer, ambas perspectivas são incapazes de dissolver o dualismo sujeito-objeto. A primeira defende que todas as determinações do objeto originam-se no próprio sujeito. Não podemos saber, portanto, se aquilo que afirmamos ser uma determinação do objeto de fato seja uma característica sua. A segunda perspectiva defende que o conhecimento não pode produzir o objeto. A essência deste não depende do conhecimento que dele dispomos. Assim, cada uma dessas perspectivas toma um lado da oposição, mas não consegue superá-la.

<sup>13</sup> Aqui não devemos compreender erroneamente o que Gadamer quer dizer. Ele não diz que só podemos pensar no interior de *nossa* linguagem, mas apenas que sempre precisamos pensar no interior de *uma* linguagem. Uma formulação mais adequada seria: nossas opiniões circunscrevem-se no interior das fronteiras que *as linguagens* nos prescrevem. Contudo, a primeira formulação também é adequada haja vista que existem indivíduos que só aprederam a falar suas línguas maternas.

Contra tais perspectivas Gadamer procura afirmar a superioridade da metafísica clássica, que consiste na tese da prévia correspondência existente entre sujeito e objeto. O conceito de verdade adequado a esta perspectiva é o da adequação entre conhecimento e objeto. Na medida em que o objeto e o intelecto advêm da mesma matéria (o sujeito do conhecimento é entendido aqui como parte do mundo) não existe nenhum abismo que precise ser superado para que se possa produzir um conhecimento verdadeiro sobre o objeto.

É evidente que Gadamer não quer simplesmente repetir a metafísica clássica. Isto seria uma falsificação do sentido originário do pensamento clássico. Nós não podemos introduzir uma ideia engendrada dentro de uma situação hermenêutica específica em uma outra totalmente diferente sem com isso a destruímos em sua especificidade. A fundamentação clássica da correspondência entre intelecto e objeto era teológica e esta, por sua vez, não pode ser mais aceita pela filosofia contemporânea. Contudo, para Gadamer, a tarefa da metafísica de procurar fundamentar tal correspondência ainda é válida. De fato, esta tarefa não deve ser mais cumprida como metafísica. Nós não devemos mais pressupor um intelecto infinito para justificar a adequação entre conhecimento e objeto. É preciso fundamentar a verdade de nosso conhecimento que, contudo, é produzido por um intelecto finito. Segundo Gadamer, apenas a linguagem é capaz de mediar a correspondência entre nossas capacidades cognitivas e o objeto. (GADAMER, 1993, p.71) A linguagem deve, portanto, estar à disposição de entes finitos – o homem, por exemplo – e apresentar os objetos em sua verdade.

Faz-se necessário perguntar, creio eu, se a linguagem na medida em que se quer pensar corretamente não deve significar enfim ‘linguagem das coisas’ e se não é a linguagem das coisas que se apresenta na correspondência originária entre intelecto e ser e que consciências finitas também podem conhecê-la. (GADAMER, 1993, p. 72)

Para apreender a linguagem em sua verdade, Gadamer recusa concebê-la como algo formal que representaria as coisas. Se considerarmos a perspectiva representacionista mais de perto descobrimos que aqui a linguagem é considerada apenas como uma ferramenta externa. De um lado, se posiciona a linguagem e, de outro, as coisas que devem ser representadas. De fato, isto é apenas uma repetição do dualismo da filosofia da subjetividade. A linguagem não é de forma alguma uma ferramenta para a representação de objetos.

A linguagem é o *medium* que abrange todos os entes e os revela. É desprovido de sentido se falar aqui em uma separação entre ente e linguagem, porque aquele somente por meio desta é revelado e apenas no momento em que a linguagem efetiva isto é ela verdadeiramente linguagem. Então podemos dizer: *não existe ente sem linguagem nem linguagem sem ente*. Gadamer pergunta:

Não consiste a verdadeira natureza (Wirklichkeit) da linguagem, por meio da qual se apresenta a correspondência que procuramos, no fato de ela não ser nenhuma força ou capacidade formal, mas sim um prévio-estar-compreendido-de-todos-os-entes através de um possível acontecer linguístico (Zursprachekommen)? Não é a linguagem antes linguagem das coisas do que linguagem dos homens? (GADAMER, 1993, p. 72-73)

A linguagem não pode ser excluída da experiência de mundo que os seres humanos realizam na medida em que eles procuram se entender sobre algo no mundo. Linguagem é o trazer-o-mundo-para-a-linguagem (Zursprachebringen der Welt) que os seres humanos executam em suas comunicações cotidianas. Durante o fenômeno linguístico não ocorre nenhuma produção unilateral da linguagem ou do ser humano. É um acontecimento homogêneo que não pode ser dividido em partes. A experiência de mundo linguística do ser humano aponta para a correspondência originária entre conhecimento e objeto.

O estar de acordo sobre algo, que se realiza na linguagem, não significa nem uma preferência do objeto nem uma preferência do espírito humano que se utiliza do meio de entendimento linguístico. Antes, é a correspondência, que se realiza na experiência de mundo linguística como tal, o por excelência prévio. (GADAMER, 1993, p. 74)

A linguagem não é, portanto, uma ferramenta à disposição da subjetividade. Ela sempre ultrapassa a consciência individual. Segundo Gadamer, é exatamente a experiência de mundo linguística do ser humano que determina a mediação entre finitude e infinitude. Aqui nos deparamos com uma infinidade de possibilidades de sentido que só podem surgir a partir da limitação de uma situação hermenêutica.

## REFERÊNCIAS

- GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode*. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Band I. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1990.
- GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode*. Ergänzungen Register. Band II. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993.
- GRÄTZEL, Stephan. *Die Wahrheit der Fiktion*. Vorlesungen zur Hermeneutik. London: Turnshare Ltd, 2005.
- GRODIN, Jean. *Einführung in die Philosophische Hermeneutik*. Darmstadt: Wiss. Buchges., 1991.
- UMLAUF, Václav. *Hermeneutik nach Gadamer*. Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2007.